



Memória do samba carioca: geografias simbólicas e territorialidades da memória¹

Maria Lívia de Sá Roriz Aguiar²
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)
Regina Glória Nunes Andrade³
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Resumo: O artigo faz algumas considerações sobre a construção de espaços simbólicos de significação dos integrantes da Associação da Velha Guarda das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, o que estamos denominando geografias simbólicas, a partir da observação de seus trabalhos de memória, que se constituem em territórios de construção de identidades múltiplas e plurais. A partir de entrevista com um grupo de integrantes da Associação, usando como proposta metodológica a construção de “histórias de vida”, procuramos refletir sobre os sentidos espaciais e territoriais construídos por esses sujeitos, sobretudo, no que se refere ao samba.

Palavras-Chave

Memória – Velha Guarda do Samba – Rio de Janeiro.

Considerações Iniciais

O presente trabalho faz reflexões ainda iniciais sobre a relação que os integrantes da Associação da Velha Guarda das Escolas de Samba do Rio de Janeiro constroem dos seus múltiplos lugares de pertencimento, estabelecendo uma espécie de territorialidade dominante a partir de seus trabalhos de memória.

Mais do que situados num lugar geográfico – o Rio de Janeiro – os integrantes da Associação, ao falarem do passado e da constituição dessa instituição, colocam-se como pertencendo prioritariamente a um lugar simbólico: todos pertencem ao universo do samba e é deste lugar que eles constroem suas aderências ao mundo. Nas suas falas sobressai a edificação de um lugar simbólico dominante, isto que estamos denominando geografia simbólica.

Tudo isso, a partir de modos de comunicação, de falas que trazem o passado para o presente. As memórias dos integrantes da Velha Guarda constroem territorialidades múltiplas: sendo lugar de disputa, de construção de identidades cambiantes e sempre centrada em ações

¹ Trabalho apresentando no GP Geografias da Comunicação, XI Encontro dos Grupos de Pesquisa da INTERCOM, evento do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

³ Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).



que reivindicam um lugar material para a lembrança, também a memória desses integrantes produzem espacialidades que se sobressaem nas suas falas.

Ainda que essa reflexão seja inicial, como já enfatizamos, queremos neste texto refletir, sobretudo, sobre duas questões: como através das territorialidades da memória é possível construir espaços de localização simbólica (geografias simbólicas) e como para os trabalhos da memória é fundamental a reconstrução de espaços de localização da lembrança, que podem ser definidos também como territorialidades.

A Associação, localizada no bairro da Piedade, no Rio de Janeiro, reúne integrantes das Velhas Guardas das Escolas de Samba da cidade, sendo presidida atualmente por Ed Miranda, ex-presidente da Mangueira, e atualmente com 92 anos. Todos os sábados, a partir das 15 horas, a Associação realiza na sua quadra um “pagode” que geralmente termina por volta de 18 horas. Mas a noite não termina aí para os integrantes da Velha Guarda: todos os sábados, após a festa da Associação, eles participam, cada semana numa escola, das festas que, habitualmente, acontecem nessas quadras.

A pesquisa tem como objetivo principal estudar os processos sociais de construção da memória social de alguns integrantes da Velha Guarda do samba carioca. Pretende-se refletir sobre essas comunidades, sua história, os processos de construção de suas identidades, sempre múltiplas, que se solidificam em torno de um nome síntese: Velha Guarda. O papel social que exercem como guardiães de um patrimônio histórico cultural – o samba do Rio de Janeiro – é um dos focos da pesquisa, assim como questões referentes à memória social dos participantes. Como essa memória histórica, pessoal e social penetra na vida desses idosos é uma das questões centrais da pesquisa.

Um olhar sobre a metodologia

Por ser um trabalho que tem como base teórica a memória, a metodologia utilizada será a das histórias de vida – uma das metodologias da História Oral, procurando-se destacar a trajetória dos entrevistados, na qual estão incluídas os seus múltiplos lugares de pertencimento, construindo geografias simbólicas de sua existência. É interessante explicar que a história de vida procura destacar múltiplas trajetórias do entrevistado: a construção, ou melhor, a reconstrução da história pessoal é perpassada por movimentos históricos, familiares, sociais e da própria comunidade. Como enfatizou Ana Paula Goulart Ribeiro “essa trajetória, no entanto, é constantemente considerada a partir das conjunturas políticas, sócio-econômicas e culturais nas quais está inserida”. Para ela, o objetivo de uma metodologia que tem como centro as histórias de vida é fazer sempre um cruzamento entre biografia e história,



trabalhando-se “em três níveis de contextualização: individual, institucional e macro-social” (RIBEIRO, 2011, s/p).

A partir dos relatos dos idosos integrantes da Associação da Velha Guarda das Escolas de Samba do Rio de Janeiro iremos refletir sobre a questão da memória como um território sujeito a vários trabalhos realizados pelos sujeitos que lembram. Baseando-nos na metodologia explicitada é interessante ouvir os relatos tanto das pessoas que estão na linha de frente da Associação (fundadores, presidente, diretores, integrantes da Ala dos Compositores), como das pessoas ‘comuns’ (simples participantes das escolas de samba, colaboradores, pessoas ocupavam posições subalternas, os sambistas do “chão”, etc.). Dessa forma o material coletado terá diferentes perspectivas.

No nosso entendimento, uma das chaves teórica para a reflexão está localizada no conceito de memória. As histórias pessoais estão ligadas à memória histórica e à constituição de uma comunidade que se constrói pelos múltiplos mecanismos da memória, como guardião do samba no Rio de Janeiro. Esse lugar de guardião é, no nosso entendimento, um território de fixação dos integrantes da Associação, constituindo-se num lugar simbólico, cuja espacialidade não se refere a um lugar geográfico, perfeitamente localizável. O lugar de onde sempre falam é sempre o território do samba. Na geografia simbólica que constroem, ao falarem do samba, da Associação, de suas trajetórias de vida, destaca-se também um universo cultural que se fixa pelos trabalhos da memória. O samba, as escolas de samba, o movimento que tiveram no passado, próximo e remoto, destacam-se nos mecanismos de lembrança (e esquecimento), construindo, pela memória, uma espécie de geografia do samba no Rio de Janeiro.

Geografias simbólicas

Os integrantes da Velha Guarda - ao falarem de um passado comum, no qual o ambiente do samba é apresentado como ator principal – produzem uma memória de grupo que, por vezes, se sobressai à memória do indivíduo. Por outro lado, ao possuírem um passado comum (todos são integrantes do mundo do samba) produzem, pelos trabalhos da memória, um lugar de fala que se apresenta, no presente, com unidade e singularidade: são todos participantes do mesmo movimento de construção de um instante singular da história do samba, tendo dele participando.

Quando se fala em memória do grupo há que se considerar uma série de trabalhos que, normalmente, é apresentado nessas reminiscências. Do lugar de integrantes do samba, esses atores lembram um tempo remoto, que pode ser considerado como mais tradicional, menos comercial, enfim, mais amigável. Lá, no passado, na partilha de olhares, de saberes e de



fazerem está o tempo maravilhoso de outrora aonde tudo começou e que não deve ser esquecido. Nas suas memórias, como grupo, o início de tudo começa com a entrada no mundo do samba e o término marca uma etapa fundamental da vida. Não sair desse mundo, talvez seja a explicação para a criação da própria Associação, lugar aonde eles podem continuar pertencendo prioritariamente ao samba. A memória do grupo também se caracteriza pelas recordações de momentos significantes, nos quais as transformações ou um acontecimento inesperado são o que deve ser mais do que lembrado: deve ser reverenciado como memória comum a todos que participaram do mesmo movimento.

Refletir sobre a memória é, portanto, falar de lugares, espacialidades, territorialidades. Yates (2007) afirma que a memória imprime lugares e imagens, capazes de produzir tecnologias para reavivar a lembrança. A memória é feita de espacialidades, construindo-se como arquitetura das lembranças nas chamadas artes da memória. Além disso, a memória remete sempre a lugares de onde se fala: as identidades que se quer construir.

Analisando, especificamente o caso da Associação, observa-se que para alguns integrantes a memória funciona como lugar de atualização e nutrição dessas identidades. A partir da fala de um dos participantes pode-se perceber que a Associação seria um lugar que alimenta a memória e a identidade do grupo de pertencer e obedecer às hierarquias.

Um integrante da Velha Guarda da Estácio destaca: “Aqui tem hierarquia, é um sistema presidencialista! Podemos falar, mas é sempre bom ouvir o presidente antes”. Assim como foram acostumados, como aprenderam nas escolas a respeitar a hierarquia, na associação também “é bom ouvir o presidente primeiro”. Se antes eles obedeciam às hierarquias das escolas (presidente, diretores, diretores de ala e assim por diante), na associação eles mantêm essa ordem hierárquica.

Como afirma Canclini “ter uma *identidade* seria, antes de mais nada, ter um país, uma cidade ou um bairro, uma entidade em que tudo o que é compartilhado pelos que habitam esse lugar se tornasse idêntico ou intercambiável. Nesses territórios a identidade é posta em cena, celebrada nas festas e dramatizada também nos rituais cotidianos”. (1998, p. 190)

Associação é, assim, o lugar concreto que mantém essa identidade dominante, se constituindo num território de lembranças (e esquecimentos) comuns, num local de nutrição de identidades (a Associação), reafirmando memórias duradouras. Esse local seria mantenedor e protetor dessas memórias e seus participantes guardiões de um patrimônio: o samba carioca.

Waldice Rodrigues de Souza, uma das mais antigas integrantes da Escola de Samba Estácio de Sá, rememora, como muitos outros membros da Associação, sua



longa história na Escola. Dos 72 anos de sua vida, passou mais de 60 na Estácio: “Tinha 11 anos quando sai de baiana pela primeira vez. Naquele tempo diziam que só criança batizada podia sair. Aí minha avó resolveu a questão: me batizou no sábado de carnaval e eu desfilei no domingo”.

O principal território de sua vida é, portanto, o mundo do samba. Sua vida é marcada por momentos significativos nesse lugar. O principal deles é o instante em que tudo começou: pelos trabalhos de memória Waldice relembra o primeiro desfile, o seu batismo profano no samba, para o qual foi necessário o batismo religioso.

Mas outras territorialidades simbólicas se destacam na fala de Waldice: o modo como se considerava, no passado, o samba. Festa profana durante muito tempo perseguida e vista como território de malandragens. Na fala de Waldice observa-se também a mistura do universo sagrado com o profano: territorialidades simbólicas múltiplas que aparecem pelos exercícios memoráveis.

“O samba é mais do que só alegria, é um modo de vida. Quem entra no samba, quem sabe o que é o samba jamais fica triste, jamais vai querer a morte, jamais vai ficar velho. Velhice é um estado mental”. Para Marco Aurélio, responsável pela parte jurídica da Associação, conhecido como Quinho, o samba se constitui num modo de vida, uma forma de não se ficar triste e, assim, afastar a morte. A territorialidade que constrói para o samba é a de produzir um elo com a vida. O ex-integrante do Arranco do Engenho de Dentro, interpreta o significado do samba a partir do seu lugar no presente. Participar da Associação, como ter participado da Escola, é se inserir num outro lugar no mundo, é afastar a velhice e a própria morte. A velhice, na sua fala, está próxima da morte, mas através da sua inclusão no samba, no presente, pode se incluir num lugar temporal distinto: sendo alegria, sendo um modo de vida, permite a ele, na sua própria avaliação, não ingressar no mundo dos idosos. A territorialidade que o samba produz é a da juventude eterna.

Denominando-se a si mesmos, em alguns momentos, como baluartes do Samba, alguns integrantes desvelam o significado da palavra naquele universo: “O baluarte é um sambista nato. Tem história, sabe contar a história. Participou da vida da escola. Viveu a vida” (Geraldo Alves).

Nos dicionários, baluarte significa fortaleza, bastião, o que serve de defesa, aquele que é sustentáculo. Portanto, Geraldo e outros integrantes se instituem como guardiões da história da escola de samba, dos movimentos históricos que participaram, sendo espécies de guardiões da memória. Fazer parte da vida da escola significa em última instância “viver a vida” e “ter história para contar”.



Ed Miranda, presidente da Associação, lembra que começou a se interessar pelo mundo do samba nos anos de 1934, quando frequentava a gafieira Fogão do Engenho Novo (que tinha esse nome porque a maioria dos frequentadores era cozinheiro). Em um desses bailes, conheceu Carlos Cachaça, que o convidou para uma feijoada na Mangueira. Ed era dos Aventureiros da Matriz. Durante a visita, Carlos Cachaça usou fortes argumentos para que o amigo deixasse a Matriz e passasse a fazer parte da verde e rosa. “Chegando lá, ele me disse: ‘Isso aqui é que é escola’. Depois de mais alguns minutos de conversa eu já estava convencido de que ali era o meu lugar”, conta Ed, que foi presidente da Mangueira de 1975 a 1978.

O lugar deles se define não só pelo pertencimento ao mundo do samba. Ser de uma Escola mais tradicional produz valorização entre os membros do grupo. Ser da Mangueira é ocupar um lugar simbólico no mundo do samba estrategicamente melhor, do que pertencer aos Aventureiros da Matriz. Rapidamente, ao tomar contato com a Mangueira, Ed se convenceu de que ali era o seu lugar. E pelos trabalhos de sua memória continua demarcando a Mangueira como territorialidade dominante no simbolismo que o samba e a história do samba têm para ele.

No mundo contemporâneo, presencia-se um movimento de valorização da memória. Para alguns autores, como Huyssen (2000), vivemos a explosão do memorável. Para Fredric Jameson (1997) e outros teóricos pós-modernos, ao contrário, estamos encharcados de esquecimento. O fim das grandes narrativas seria o ponto focal desse processo. Para o autor de **Seduzidos pela Memória**, a moda retrô, a edição de livros destacando personagens históricos, que rapidamente se transforma em *best-sellers*, a explosão de filmes de época, a proliferação de museus e outros santuários de memória mostram que se vive a sedução do memorável.

Em reportagem do jornal *O Globo* de 10/07/2011, dados do censo de 2010 mostram que o Rio tem 763 centenários e o crescimento em mais de 50% da população entre 85 e 99 anos. Esses números deixam evidente o aumento da expectativa de vida e o conseqüente crescimento da população idosa, o que mostra também a importância de se pensar questões relativas ao envelhecimento. O bairro onde habitam mais pessoas centenárias no Rio é Copacabana com 64 idosos, sendo seguido pela Tijuca com 44 pessoas acima de cem anos (p. 19).

No mesmo jornal encontra-se outra reportagem sobre envelhecimento. Nessa, enfatiza-se que o crescimento e rejuvenescimento da população idosa abrem novos caminhos para o mercado e exige um novo foco na visão das indústrias. Na atualidade, focar na terceira idade é



bem mais amplo que disponibilizar caixas especiais nos bancos e supermercados: esse é um público que brota com suas possibilidades e necessidades. A matéria do caderno Boa Chance apresenta outro perfil da pessoa idosa, que o jornal qualifica como um “idoso do mundo pós-moderno”. “O estereótipo que muitas pessoas têm em relação aos idosos será, aos poucos, desmitificados. Tudo porque quem entrou na faixa dos 60 anos dificilmente traz características semelhantes às dos seus avós.” (*O Globo*. Caderno Boa Chance, 10 jul. 2011, p.1)

Territorialidades da Memória

Maurice Halbwachs no livro **A memória coletiva**⁴ define a memória coletiva por uma espécie de economia da lembrança realizada pelos membros de um mesmo grupo. Aqueles que presenciaram uma cena do passado funcionam como testemunhas de um passado comum, que foi também vivido por outros, que talvez não possam mais recordar. Portanto, a lembrança para Halbwachs é um trabalho da memória, mas não é a memória.

Exemplificando com a possibilidade de se viver um passado comum e lembrar aspectos desse passado, o autor atribui a memória à característica de ser sempre do presente. Se diversos integrantes de um grupo vivem uma situação comum, cada um pode se lembrar apenas de uma parte: no conjunto a memória das duas ou mais pessoas é mais eficiente, mas, sobretudo, mostra um passado pretensamente mais fiel (1990, p. 27-28).

Ao enfatizar esse aspecto, o sociólogo está falando de uma economia da memória produzida pelo grupo, destacando a eficiência da memória coletiva (do grupo) em relação à possibilidade de reconstruir o passado no presente. Para ele, a memória é sempre do presente e não do passado.

Mas está destacando mais: cada um produz um espaço de localização da lembrança e juntos esses espaços vão construindo um mapa da memória do grupo que torna a lembrança pretensamente mais fiel ao passado, mas, sobretudo, constrói um território único para a lembrança: a memória do grupo. No caso do grupo que estamos estudando, é como se cada integrante construísse um pedaço de um mapa: num lugar a espacialidade memorável do ex-integrante da Mangueira, no outro a fatia de memória é do integrante da Estácio. Juntos, a reconstrução do passado pela memória produz territórios memoráveis.

Em relação ao aspecto psicológico observamos que vivemos em mundo cada vez mais envelhecido. Novas tecnologias e técnicas permitem que possamos viver mais tempo e com

⁴ A primeira edição de **A Memória Coletiva** de Maurice Halbwachs é de 1950, editada em Paris pela Presses Universitaires de France (PUF). Segundo Gérard Namer no prefácio à edição crítica do livro publicado em 1997 pela Editions Albin Michel de Paris, Halbwachs preparou o livro para edição, mas sua deportação o impediu de terminar o último capítulo. Ele escreve a obra entre 1926 e 1944 (NAMER, 1997, p. 7-12).



qualidade de vida. Esses aparatos tecnológicos que nos trouxeram a possibilidade de prolongar a vida, ao mesmo tempo, estimulam sonhos de juventude eterna. Paralelamente, a imagem do idoso de hoje não é a mesma que se tinha no meio do século XX. Criaram-se novas identidades, mudaram os referenciais, as imagens e até os papéis. As avós são ativas, engajadas no mundo social, diferente da imagem que tínhamos até pouco tempo da senhora que ficava sentada na cadeira de balanço fazendo tricô. Claro que essas transformações se devem a outros fatores, como, por exemplo, a desvalorização do tradicional em prol do novo (sociedade de consumo), as mudanças na estrutura familiar (famílias nucleares, menor número de filhos, etc.), que demandam dos idosos serem ativos para sustentar a família e/ou cuidar dos netos, entre outros.

Estudar o envelhecimento, as novas formas de vivenciar a velhice, os conceitos e preconceitos, relaciona-se diretamente à problemática teórica da memória, como já enfatizamos, conceituada por diversos autores de maneira diametralmente opostas. Podemos considerar a memória como do grupo, como fez Halbwachs (1990) ou a memória na interseção da percepção com o espírito, como fez Bergson (1999)⁵ ou ainda na perspectiva psicanalítica de Freud.

No primeiro caso considera-se a memória do ponto de vista social. Memória coletiva para Halbwachs (1990) é aquela que se operacionaliza num grupo social. Para ele, toda memória é social, já que funciona em relação aos grupos nos quais estamos inscritos na sociedade – os grupos que atravessam a nossa existência – e, ao mesmo tempo, há uma parte da sociedade que funciona como memória. Essa inscrição da memória nos grupos é que Halbwachs conceitua como *memória coletiva*.

A questão teórica da memória tem sido objeto nos últimos anos de inúmeras reflexões. Lugares, restos, imagens, vestígios, trabalhos, farrapos são alguns dos nomes como os autores procuram conceituar a memória (NORA, 1984; CANDEAU, 1998; HUYSSSEN, 2000; COLOMBO, 1991; NAMER, 1987; RICOEUR, 2000; POLLAK, 1991; BOSSI, 1994).

Bérgson (1939) apresenta a memória como materialização do espírito. Para ele, a memória está ligada à percepção das imagens e a divide em memória-hábito e memória-sonho. A primeira é a que adquirimos pela repetição de palavras e atos. São os atos mecânicos que temos no cotidiano: as lembranças que vêm através do corpo. Nesse sentido, ela é menos compartilhada.

⁵ **Matéria e Memória** foi publicado originalmente, em 1939, em Paris, pela Presses Universitaires de France (PUF). A primeira edição do livro de Bérgson publicada no Brasil, pela Martins Fontes (São Paulo), é de 1999.



Em contrapartida, Halbwachs (1990) considera a memória como fenômeno social. São as nossas relações com os grupos sociais que constroem a memória. Este autor fala ainda em quadros sociais da memória, correntes de pensamento e trabalhos de memória. Construimos a memória, sempre, a partir do presente (e esta é, para alguns, a grande contribuição do autor) e a partir dos lugares que ocupamos na sociedade.

Para outros autores (CANDEAU, 1998; RICOEUR, 2000) memória e identidade estão indissolúvelmente ligadas. No livro que qualifica como um “ensaio de antropologia da memória e da identidade” Joël Candéau faz uma pergunta fundamental: como o indivíduo passa das formas individuais da memória e da identidade às formas coletivas (p. 3)? Portanto, ao falar da memória é preciso se referir, ao mesmo tempo, à questão não menos complexa da identidade.

A identidade para alguns (BHABHA, 1998; HALL, 2003; CANCLINI, 2007) resulta sempre de uma prática relacional do sujeito dentro de um espaço de vida e de relações específicas. A identidade está condicionada a práticas efetivas dos homens no espaço social (*espaço vivido*), no qual interferem saberes, experiências e discursos. Nesse sentido, a identidade é construída a partir da prática do indivíduo no mundo, sendo uma produção coletiva de diferentes formações que concorrem no *mercado simbólico* (BOURDIEU, 1989). Identidade é uma categoria cultural construída e vivida (discursivamente), atrelada aos rituais dos espaços sociais nos quais se está inserido, devendo, portanto, ser concebida como prática social (HALL, 1997 e 2003; BHABHA, 1998; CANCLINI, 2007).

A dialética lembrança e esquecimento, um dos pilares da obra de Freud, é outro aspecto a ser considerado quando se pensa teoricamente a questão da memória. Para Freud, que não nega a função reprodutora da memória, recuperam-se sempre traços e nunca o todo. Enumerando as funções da deusa *Mnemosine* – registrar, evocar e esquecer – e acrescentado a reflexão sobre o par lembrança e esquecimento a partir de três outras ações – recordar, repetir e elaborar – reflete sobre o que chama “lembranças encobridoras” e considera separadamente o esquecer e o recordar. Algumas vezes lembramos algo que nunca poderia ser lembrado, já que nunca fora notado, portanto, nunca fora consciente. Outras vezes, o paciente não recorda alguma coisa do que esqueceu e reprimiu, mas “expressa pela atuação ou atua”. “Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação: repete-o, sem, naturalmente, saber o que está repetindo” (1914). Memória em Freud seria revelação (e não registro) de algo que é vivido e



representado psicologicamente, ao mesmo tempo em que é encobrimento⁶.

Considerações Finais

A individualização é, para alguns autores (BAUMAN, 1999 e 2001), a grande questão do mundo moderno. Mudaram os valores e conceitos. As famílias já não são mais comandadas por um patriarca. A nova constituição familiar criou autonomia e independência entre seus componentes. Nesse quadro, o idoso não é tido como o detentor de saber, como o conselheiro, como “homem memória” e, na maioria das vezes, ele é visto como um peso para a família, tornando-se representação do fim. Estar velho significa estar perto do fim.

Essa generalização, entretanto, não é extensiva a todos os grupos sociais. Parece que em alguns casos, como no da “Velha Guarda” há ainda o homem memória, responsável por ser guardião das tradições, em que o fato de lembrar uma história comum e ter vivido essa história dá a ele, naquela comunidade, papel diferenciado.

Norbert Elias, em seu livro **A solidão dos moribundos**, fala que a velhice concretamente representa o fim, a falta de controle: “(...) a morte é um dos fatores que indica que o controle humano sobre a natureza tem limites (2001, p. 96).”

A maior expectativa de vida permitiu ao homem ter uma falsa idéia de poder. Ao enfrentar o envelhecimento do próximo percebemos que a juventude eterna, tão desejada, não passa de um sonho. Para Elias, “o aumento da expectativa de vida tornou a morte mais distante dos jovens e dos vivos em geral” (*Idem*, p. 97). Portanto, envelhecer não é necessariamente morrer.

Segundo Andrade (2003), os estudos sobre pós-modernidade, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, destacam os processos de globalização em contraposição aos de regionalização, inaugurando uma série de reflexões sobre processos de identificação cultural e de mudanças, colocando em confronto a questão da tradição e da modernização.

A questão da tradição, para Giddens, citado por Andrade (2003, p. 122-123), está associada aos processos de identidade, o que pressupõe a construção de um lugar estável “ligado à memória, cujo ponto principal é a noção formular de verdade construída por guardiões”. A tradição complementa Andrade (p. 122-123), assim compreendida tem uma força de união que combina conteúdo moral e emocional. “Esta noção proposta por Giddens, que associa tradição à memória, debruçada sobre conceitos de identidade cultural, é profundamente tradicional porque conta ainda com todo o processo seletivo que opera sobre o conceito da memória”. Para ela, a proposta de Giddens está em relação aos postulados de

⁶ Cf. FREUD, S. *Uma nota sobre o bloco mágico* (1925), *Lembranças encobridoras* (1899) e *Recordar, repetir e elaborar* (1914).



Halbwachs, no que diz respeito ao conceito de memória coletiva, significando que “o passado não é preservado, mas continuamente reconstruído, tendo como base o presente” (*Idem, Ib*).

Ainda que haja, portanto, a tentativa de construção de um lugar único, mais estável, é possível recuperar geografias simbólicas que revelam outros territórios memoráveis, como procuramos mostrar nesse artigo.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Regina Gloria Nunes e VAZ, Cibele Mariano. A transmissão e a transformação da história pela memória social. In: Barbosa, Marialva e Ribeiro, Ana. **Comunicação e História: partilhas teóricas**. Rio de Janeiro: MAUAD, no prelo.

_____. **Personalidade e Cultura. Construções do imaginário**. Rio de Janeiro: REVAN/FAPERJ, 2003.

BARBOSA, Marialva. Memória: um passeio teórico. In: **Percursos do olhar**. Comunicação, narrativa e memória. Niterói: EDUFF, 2007

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001

_____. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

BÉRGSON, H (1939). **Matéria e Memória**: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. Lembranças de Velhos. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989

CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas**. SP, Edusp, 1998.

CANDEAU, Joel. **Memoire et identité**. Paris: PUF, 1998

COLOMBO, Fausto. **Arquivos Imperfeitos**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos** seguido de Envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

HALBWACHS, Maurice (1950). **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990

HALL, S. Da diáspora. **Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003;

_____. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Porto Alegre: DP&A, 1997

HUYSSSEN, A. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Artiplano, 2000.

JAMESON, Fredric. **As sementes do tempo**. São Paulo: Ática, 1997



- _____. **Sobre os “Estudos da Cultura”**. Petrópolis: Vozes, 2001
- NAMER, Gérard. **Memoire et société**. Paris: Meridiens Klincksleck, 1987.
- NORA, Pierre. **Les lieux de La mémoire**. Vol 1. Paris: Gallimard, 1984.
- POLLAK, Michel. “Memória, esquecimento, silêncio”. In: **Estudos Históricos**, 1989/3. São Paulo.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **A história oral e os estudos de jornalismo: algumas considerações** (mimeo). Texto gentilmente cedido pela autora.
- RICOEUR, Paul (2000). **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2008
- FREUD, S. “Recordar Repetir e Elaborar” (1914), “Notas sobre o Bloco Mágico” (1925) e “Lembranças Encobridoras” (1899). **Obras Completas**. CD Rom.
- YATES, Frances. **A arte da memória**. Campinas: UNICAMP, 2007